



RESUMO

Este texto constitui uma síntese da história do Escoural, desde os mais remotos vestígios de ocupação humana, ocorrida no Período Paleolítico, até ao centenário da sua elevação a vila, ocorrido em 2016.

PALAVRAS-CHAVE | Escoural; Montemor-o-Novo; monografia; Pré-história; Revolução de 25 de Abril de 1974

ABSTRACT

This text is a concise history of Escoural, since the most remote vestiges of the human occupation, occurred in the Palaeolithic Period until the centenary of its promotion from village to small town, in 2016.

KEYWORDS | Escoural; Montemor-o-Novo; monograph; pre-history; 25 April Portuguese Revolution

A vila do Escoural. Um apontamento histórico *

*Teresa Fonseca***

1. NA PRÉ-HISTÓRIA

A área onde hoje se situa a freguesia do Escoural possui uma longa história. Os vestígios mais antigos da presença humana identificados na Gruta do Escoural datam do Paleolítico Médio e têm cerca de 50.000 anos. Nessa época os homens utilizavam instrumentos de pedra lascada, de osso ou de chifre dos animais que caçavam. Consistiam em facas, em raspadores com que raspavam as peles usadas como vestuário e em pontas de seta que serviam como armas de caça ou de defesa contra as feras e grupos humanos¹.

Estes primeiros habitantes alimentavam-se da caça e da recolha de espécies vegetais espontâneas. Tinham uma vida nómada. No verão utilizavam abrigos improvisados, ocupando provavelmente a Gruta apenas durante o inverno. Datam da mesma época os vestígios fossilizados dos auroques (antepassado do boi atual), dos equídeos e dos cervídeos encontrados no interior da caverna. Eram animais então abundantes na região e constituíam a base da alimentação destes primitivos ocupantes².

No Paleolítico Superior o local voltou a ser ocupado, como o atestam as cerca de 50 pinturas e gravuras atualmente identificadas nas paredes da caverna. Trata-se de um verdadeiro santuário rupestre, cuja datação se situa entre os 25.000 e os 15.000 anos, aproximadamente³.

Os vestígios mais antigos da prática agrícola no concelho de Montemor-o-Novo situam-se igualmente no Escoural, nas imediações da Gruta. Terão cerca de 8.000 anos e datam do período Epipaleolítico ou Mesolítico. Nesta fase de transição entre o Paleolítico e o Neolítico o homem deixa gradualmente a vida nómada e passa a sedentarizar-se. Há cerca de 5.000 anos, no Neolítico final, a Gruta serviu de necrópole (cemitério), o que indicia a existência de comunidades agrícolas e pastoris nas suas imediações. No local dos enterramentos foram encontrados machados e enxós de pedra polida, lâminas de sílex, furadores de osso e vasos de cerâmica. No outeiro circundante foi achado, nos anos 80 do século XX, um povoado do período Calcolítico (Idade do Cobre), com cerca de 4.000 anos; e um túmulo de falsa cúpula (tholos) da mesma época, o que parece confirmar a existência de uma ocupação continuada, pelo menos desde o Mesolítico⁴.

A partir do período Neolítico floresceu em toda a região a arte megalítica, da qual existem testemunhos na área do Escoural, sendo o mais famoso a anta-capela de S. Brissos⁵. Este monumento funerário, erguido há cerca de 5.000 ou 6.000 anos, foi convertido, talvez ainda antes do século XVII, numa ermida cristã, dedicada a Nossa Senhora do Livramento⁶. Na mesma freguesia existem a herdade da Anta e a quinta da Anta, indiciadoras da existência de mais exemplares deste tipo de construções. Na herdade da Anta foi desenterrado, na segunda metade do século XX, espólio importante, característico deste tipo de monumentos.

2. DA OCUPAÇÃO ROMANA AO FIM DO ABSOLUTISMO

Os Romanos, há cerca de 2.000 anos, aproveitaram as potencialidades mineiras do local, extraindo ferro na Mina dos Monges e calcário fétido em S. Brissos⁷. A exploração mineira prosseguiria nos séculos seguintes, com períodos de maior ou menor intensidade. No século XV, na herdade escouralense de Almojaratim (que pertencera ao infante D. Pedro, filho do rei D. João I), encontrava-se ativa uma mina de antimónio, razão pela qual a propriedade tomaria posteriormente o nome de herdade da Mina ou da Prata⁸. A riqueza mineralógica do solo está na base de outros topónimos, incluindo o de Escoural (escória) ou de Monfurado (monte furado)⁹.

A área da atual freguesia, em virtude dos recursos mineiros e aquíferos, continuou provavelmente a ser povoada durante o período visigótico, a ocupação muçulmana e a reconquista cristã. Mas só após a criação do concelho de Montemor-o-Novo, por foral

de 1203, surgiria maior estabilidade na região envolvente, indispensável a uma fixação consistente das populações.

No século XIV, depois da constituição do concelho de Lavre pelo foral de D. Dinis de 1304, restavam no termo de Montemor apenas duas povoações de alguma importância: as aldeias de S. Cristóvão e do Escoural¹⁰.

O século XVI foi uma época de acentuado desenvolvimento em toda a Europa, incluindo em Portugal. A região de Évora, devido às longas permanências da corte régia na cidade, foi particularmente beneficiada¹¹, incluindo o concelho montemorense e a freguesia do Escoural. Atestam-no as diversas construções civis e religiosas, provas evidentes de alguma força económica e crescimento demográfico. Além da já referida Anta de S. Brissos, adaptada a ermida cristã em finais da centúria, contam-se, da primeira metade do mesmo século, as igrejas paroquiais do Escoural e de S. Brissos, bem como os paços rurais das quintas da Torre do Carvalhal e de N^a S^a do Rosário. Na primeira destas propriedades, os fidalgos administradores do morgadio a que pertencia, os montemorenses Vilalobos e Vasconcelos, ergueram a ermida de S. Cristóvão, por volta de 1500. E na segunda, os respetivos morgados, os fidalgos eborenses Lobo da Gama, edificaram por seu turno outra ermida, em 1521¹².

Em finais do século XVII, a aldeia do Escoural possuía 41 fogos. Dezoito chefes de família dedicavam-se à agropecuária, dos quais 9 eram trabalhadores assalariados, 5 fazendeiros, 2 singeleiros, 1 lavrador e outro pomareiro. Onze ocupavam-se no artesanato: 3 carpinteiros, outros tantos tecelões, 2 sapateiros, e um elemento das seguintes atividades: ferrador, lagareiro e moleiro. Apenas 3 trabalhavam no comércio: 2 taberneiros e 1 tendeiro. E o setor dos serviços contava apenas com 1 barbeiro. Desconhecemos a profissão de 6 indivíduos. E havia ainda 2 viúvas como chefes de família, sem indicação do exercício de atividade¹³.

Na primeira metade do século XVIII foi fundado o Convento das Covas de Monfurado, na serra do mesmo nome, no local onde antes existia um eremitério dedicado a Nossa Senhora do Castelo. Os monges, descalços e com hábitos pretos, seguiam a regra de S. Paulo e tinham no infante D. António, irmão do rei D. João V, o seu padroeiro e principal protetor. Este convento e o de Rio Mourinho constituíam as duas únicas congregações religiosas sediadas em zonas rurais, das oito existentes no concelho¹⁴.

Ainda no século XVIII, o Escoural era a freguesia rural mais populosa do termo. Possuía, em 1736, 219 fogos, habitados por 863 moradores. Distribuíam-se pela aldeia, por outros núcleos populacionais de menor dimensão, com destaque para a Biscaia. por pequenas propriedades e principalmente pelos montes das herdades. Nestas últimas, além dos lavradores, residiam maiorais de gado, alguns pastores e um ou outro trabalhador rural¹⁵. A população continuou a crescer nos anos seguintes, atingindo, em 1758, as 242 unidades familiares, ocupadas por 970 pessoas¹⁶.

S. Brissos, na altura uma freguesia autónoma, tinha em 1736, 267 indivíduos distribuídos por 60 fogos. E em 1758 descera ligeiramente para os 256 moradores, alojados nas mesmas 60 habitações¹⁷.

A maior parte da área das duas freguesias era, como ainda hoje, constituída por herdades. Das perto de três centenas existentes no concelho, cerca de 50 pertenciam ao Escoural e 5 a S. Brissos. Além destas grandes propriedades, a abundância de cursos de água e de nascentes permitia ainda a existência de hortas, pomares, courelas e quintas de regadio. As principais produções eram, por esta ordem, o centeio, o trigo e a cevada. No entanto, ao longo do século XVIII, a cerealicultura foi cedendo lugar à criação de gado bovino, ovino e caprino, atividade mais lucrativa e menos dispendiosa. Havia ainda abundância de caça, principalmente coelhos, lebres e perdizes¹⁸.

Quatro das 43 fontes de águas férreas identificadas por Joaquim José Varela no concelho de Montemor nos princípios do século XIX corriam em Santiago do Escoural; e uma quinta passava em S. Brissos, conhecida por fonte do Píncaro. Eram bastante usadas para fins medicinais e procuradas por gente de todo o concelho e até de localidades mais distantes¹⁹.

O terramoto de 1755, que destruiu Lisboa e se fez sentir com intensidade menor por todo o país, Espanha e outras zonas da Europa, também afetou a freguesia. Danificou gravemente a igreja paroquial do Escoural e o convento de N^a S^a do Castelo de Monfurado, podendo ter igualmente arruinado habitações²⁰.

Em 1765 moravam na aldeia do Escoural propriamente dita 43 famílias, apenas mais 2 que no final do século XVII. Mas como a população da freguesia crescera em termos globais, podemos concluir que a maioria habitava no campo. Tal possibilidade é reforçada pelo facto de ter diminuído consideravelmente o peso do setor agropecuário no aglomerado urbano, enquanto os grupos do artesanato, do comércio e dos serviços tinham aumentado e diversificado as suas atividades. Esta realidade evidencia a distinção crescente entre a área urbana e a rural da freguesia, com a consequente separação das respetivas profissões, anunciando os tempos modernos²¹.

Deste modo, dos 35 moradores com profissão conhecida, concluímos que o setor da agropecuária descera de 18 para 5 elementos: 2 assalariados rurais, 1 fazendeiro, 1 lavrador e 1 quintaneiro. Por seu turno, o dos artesãos subira de 12 para 19: 6 sapateiros, 4 tecelões, 3 ferradores, 3 alfaiates e 1 elemento de cada uma das seguintes ocupações: atafoneiro, corneteiro e sombreireiro. O do comércio crescera de 3 para 7: 2 taberneiros, 2 almoceves, 2 contratadores e 1 boticário. E o dos serviços subira de 1 para 4: 1 barbeiro, 1 cirurgião, 1 sangrador e 1 mestre de meninos²².

De acordo com esta diversidade profissional, a paróquia constituía uma comunidade com uma certa autonomia, sem depender da longínqua sede do concelho para a sobrevivência quotidiana e nem sequer para a aprendizagem das primeiras letras.

Por ser uma grande freguesia, o Escoural possuía então como autoridade local um juiz de vintena. Em princípio eleito anualmente, este magistrado era o representante da câmara na freguesia. Cobrava impostos, vigiava o cumprimento das leis, passava multas, prendia infratores e até julgava em caso de delitos menos graves. Nas localidades em que poucos sabiam ler e escrever, o juiz acumulava as suas funções com as de escrivão da vintena. Mas nesta havia quase sempre um juiz e um escrivão, o que indicia um grau de alfabetização bastante razoável para a época²³.

Os quintaneiros e hortelões da zona rural eram na época obrigados a comparecer no mercado semanal em Montemor-o-Novo com as suas frutas e legumes, para abastecimento dos moradores da vila. Os do Escoural, como tinham de percorrer 13 quilómetros e outros tantos no regresso, faltavam com frequência. Mas preferiam as multas do juiz de vintena ou até a prisão, a fazerem viagens trabalhosas, arriscadas e economicamente pouco compensatórias²⁴.

3. NO SÉCULO XIX

A implementação definitiva do regime liberal, em 1834, trouxe benefícios e desenvolvimento para o Escoural. Na década de sessenta constrói-se a linha férrea de ligação entre o Barreiro e Évora, com paragens no Escoural e Casa Branca²⁵. Passa a ser mais fácil a circulação de pessoas e de mercadorias e nasce na freguesia o grupo socioeconómico dos ferroviários, que contribuiria para a dinamização da comunidade local. A proximidade da linha férrea teria sido determinante para a retoma, em 1873, da exploração das antigas minas da serra dos Monges e do conjunto mineiro da Nogueirinha, Defesa, Serrinha e Vela d'Arca, localizado na vertente sul da serra de Monfurado e cuja atividade se prolongaria pelas primeiras quatro décadas do século XX²⁶.

A frequência do ensino elementar foi aumentando, agora através de uma escola oficial na qual, pelo menos desde a década de 80, havia já um professor para rapazes e uma professora para raparigas, tal como se praticava em Vendas Novas, Lavre e na sede do concelho, o que denota o crescimento demográfico e a motivação de uma boa parte dos pais para a frequência escolar das suas filhas. Por esta altura iniciou-se a instrução primária de 2º grau e o ensino de adultos em regime noturno²⁷. O 2º grau incluía as disciplinas de História, Geografia, Desenho Linear, Escrita Comercial e a Aritmética e Geometria, aplicadas às atividades económicas²⁸. O curso noturno era frequentado por um número reduzido de alunos, devido às dificuldades sentidas pelos adultos em estudar depois de um dia de árduo de trabalho.

Em consequência do menor isolamento e da criação de ocupações alternativas à agropecuária trazidas pelo comboio, a população da freguesia foi crescendo, passando dos cerca de 1.200 moradores em 1836 para 1.784 em 1864 e para 2.285 em 1900²⁹.

Uma prova da importância da localidade é o facto de o semanário montemorense *A Folha do Sul*, fundado em agosto de 1897, ter então correspondentes em três localidades: Évora, Vidigueira e Santiago do Escoural.

A rápida propagação das ideias republicanas, socialistas e anarquistas levou à emergência, em Montemor-o-Novo, do movimento operário, na transição do século XIX para o século XX. Na sede do concelho constituem-se algumas associações de classe ainda antes da implantação da República. Mas nas freguesias rurais apenas conhecemos duas: a *Associação dos Operários Corticeiros de Vendas Novas* e a *Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais do Escoural*³⁰.

Neste meio já relativamente esclarecido surgiria, em 1908, o primeiro núcleo maçónico do concelho: um Triângulo (associação com um número reduzido de elementos), constituído por sete membros: cinco comerciantes, um farmacêutico e outro cuja profissão desconhecemos. O rápido crescimento do grupo conduziu à sua transformação, em 1909, em Loja, designada *União e Progresso*, duas palavras muito caras à ideologia maçónica. Contava então 29 elementos. A uma dezena de comerciantes juntavam-se sete funcionários dos caminhos de ferro, três lavradores, dois professores do ensino primário oficial, um proprietário, um industrial, um escriturário, um farmacêutico, um serralheiro e uma figura que viria a desempenhar um papel destacado no meio republicano montemorense após a implantação deste regime: o dr. Francisco Henriques de Sousa Romeiras Júnior, na altura conservador do Registo Predial em Montemor, de onde era natural³¹.

Entre 1900 e 1911 a população da freguesia sobe de 2.285 residentes para os 4.100, devido à agregação das 16 freguesias do concelho em apenas 6, ficando Santiago do Escoural como sede de uma extensa circunscrição administrativa, na qual se incluíam as paróquias de S. Romão, S. Cristóvão e S. Brissos³².

4. NA PRIMEIRA REPÚBLICA

A estreita ligação da Maçonaria à República explica a forte implantação, nesta freguesia, do regime instituído a 5 de Outubro de 1910. O comerciante escouralense Albino Vasques Fadista, um dos fundadores do Triângulo e da Loja da sua terra natal, integrou a primeira comissão administrativa republicana da câmara de Montemor-o-Novo, que tomou posse a 10 de outubro desse ano. Estabelecia, na vereação, a articulação entre a junta de paróquia da freguesia e a edilidade³³.

A nova equipa camarária, seguindo o processo de descentralização administrativa defendido pelo ideário republicano, conferiu às freguesias rurais uma importância inédita. E o Escoural, naturalmente, beneficiou com esta atitude. Apesar dos constrangimentos

financeiros do governo da República, agravados, a partir de 1914, com o eclodir da Primeira Guerra Mundial, efetuaram-se na freguesia algumas obras, como o calcetamento de ruas e a construção de um lavadouro público com água canalizada³⁴.

Em toda a área rural do concelho, vários lavradores adversos ao novo regime começaram a despedir muitos trabalhadores rurais, alegadamente para dificultar a vida aos novos dirigentes municipais. Para debelar a crise de trabalho no Escoural, o vereador Albino Vasques Fadista sugeriu que se solicitasse junto do Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado o início da construção da estrada entre esta aldeia e a estação de Casa Branca, na qual se ocupou pelo menos uma parte dos desempregados³⁵.

Tal como sucedeu na sede do concelho, em Vendas Novas, Lavre e Cabrela, também na aldeia escouralense se rebatizaram várias artérias, com nomes ligados ao novo regime. Assim, o largo da Igreja passou a largo da República; a rua da Ribeira a rua Magalhães Lima; a da Igreja a rua Machado dos Santos; a do Pomarinho a Miguel Bombarda; a do Cemitério a Cândido dos Reis; a Direita a dr. Afonso Costa; a do Poço da Figueira a dr. Bernardino Machado; e a da Estação a dr. António José de Almeida³⁶.

A República desenvolveu um grande esforço no sentido da implementação de um ensino primário laico, obrigatório e gratuito, com o desígnio de banir o analfabetismo, considerado o principal inimigo dos republicanos. A edilidade montemorense e as autoridades administrativas do Escoural secundaram com entusiasmo as iniciativas do governo. Assim nasciam, no ano letivo de 1911-1912, em S. Romão e em S. Brissos, escolas mistas, em instalações improvisadas. Em 1912, a igreja paroquial da sede da freguesia, entretanto secularizada, foi adaptada a escola primária. E ainda neste ano, a escola feminina foi desdobrada, devido à elevada frequência³⁷.

Em 1916 seriam inaugurados novos edifícios escolares em quatro localidades: Lavre, Vendas Novas, Montemor-o-Novo e Escoural³⁸. Esta aldeia seria, no mesmo ano, elevada a vila, pela Lei N.º 555 de 5 de Junho, como já sucedera em 1911 a Vendas Novas. Além do peso demográfico e socioeconómico, o facto de os deputados e destacados republicanos Albino da Costa Cró Pimenta de Aguiar e João Luís Ricardo serem do concelho de Montemor-o-Novo, ajudou, em ambos os casos, à promoção.

Os efeitos económicos da Grande Guerra começaram a fazer-se sentir em Portugal muito antes da entrada oficial do país no conflito (em 1916) e prolongaram-se muito para além do seu termo. Montemor-o-Novo sentiu de imediato os efeitos da crise, com a subida vertiginosa do custo de vida e a carência de bens alimentares, agravada pelo açambarcamento, que começava nos próprios produtores cerealíferos locais.

Uma das muitas respostas sociais surgidas no concelho para ajudar a minimizar os efeitos da situação foram as cooperativas de consumo. A primeira surgiu na sede do concelho em

fevereiro de 1918, logo seguida das de Vendas Novas e Escoural. Esta última designava-se *Cooperativa dos Trabalhadores Rurais e Operários Escouralenses de Crédito e Consumo «A União»*³⁹. Indiciava assim a interferência da organização maçónica local na sua criação, bem como a presença, algo expressiva, do operariado (ferroviários e mineiros), a par do setor maioritário dos assalariados rurais.

A cooperativa, tal como as congéneres concelhias, funcionava também como panificadora. Esta função permitia assegurar aos cooperantes o abastecimento de pão com alguma qualidade, defendendo-os do mercado negro e dos seus preços exorbitantes. Além das vantagens económicas, os consumidores, assim unidos, adquiriam maior força reivindicativa junto das autoridades locais, denunciando os atrasos e as ilegalidades cometidos no abastecimento.

O culminar da crise económica e da consequente contestação social da Primeira República ocorreu durante a ditadura de Sidónio Pais. Quando, a 28 de abril de 1918, este se fez eleger presidente da República depois de alterar a lei em vigor, os partidos republicanos apelaram ao boicote às urnas. No Escoural, em coerência com o enraizado republicanismo dos seus cidadãos, ninguém foi votar. E como retaliação, o governo desmembrou a freguesia, desanexando-lhe as paróquias de S. Cristóvão e de S. Romão⁴⁰. Desfazia-se deste modo a eventual possibilidade de uma posterior elevação a concelho, como viria a suceder, em 1962, à congénere de Vendas Novas.

5. NA DITADURA

Com o golpe de Estado de 28 de Maio de 1926 iniciou-se um longo período de 48 anos de ditadura. A situação económica da maioria dos Portugueses não melhorou e até se agravou consideravelmente durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), embora desta vez o país não tivesse entrado no conflito. À habitual falta de trabalho, juntaram-se de novo o forte agravamento do custo de vida, o açambarcamento, a especulação, o mercado negro e o racionamento dos bens de primeira necessidade.

Neste contexto adverso, a situação de miséria do trabalhador rural alentejano ainda se agravou, sendo-lhe apenas permitido ganhar o mínimo indispensável para se poder aguentar como força de trabalho. E como qualquer tentativa de contestação seria seriamente reprimida, os trabalhadores serviam-se das estruturas do regime para formularem as suas reivindicações, designadamente as Casas do Povo. A do Escoural foi criada em 1943, um ano depois da de Montemor. E passaria a servir de cenário à luta reivindicativa dos Escouralenses, cada vez melhor organizada pela atividade clandestina do Partido Comunista Português. Assim, principalmente em 1944, 1945 e 1946, mas também em outras ocasiões posteriores, foi denunciado perante este organismo estatal o boicote

dos grandes proprietários à aceitação de trabalhadores; organizaram-se protestos pelo pagamento de jornas abaixo da tabela oficial; e alertaram-se as autoridades para as centenas de desempregados surgidos anualmente na freguesia, logo que acabavam as tarefas estivais⁴¹.

O escouralense José Adelino dos Santos constitui o símbolo da luta dos seus conterrâneos contra a ditadura. Filho de trabalhadores rurais, nasceu nesta freguesia a 25 de outubro de 1912. Influenciado pelo ambiente em que foi criado, cedo despertou para a ação política antifascista. Conheceu as cadeias do Aljube, Peniche e Caxias, das duas vezes em que esteve preso, em 1945 e em 1947. Durante a década de 50, participou na promoção anual das comemorações da implantação da República, para as quais conseguia atrair a juventude. Ensinou a ler e escrever vários rapazes e raparigas, incluindo os próprios filhos⁴².

Foi assassinado a 23 de junho de 1958, no largo fronteiro às traseiras dos paços do concelho em Montemor-o-Novo, enquanto liderava uma manifestação de mais de 200 trabalhadores. Estes protestavam contra a gigantesca fraude eleitoral que a 5 desse mês impedira o general Humberto Delgado de ascender à presidência da República e ao mesmo tempo exigiam medidas que conduzissem ao aumento dos seus míseros salários. Na mesma ação repressiva ficaram feridos mais dois trabalhadores e foram presos centena e meia de homens. Apesar do forte aparelho policial, o funeral de José Adelino dos Santos foi acompanhado por mais de 2.000 pessoas, que lhe prestaram uma sentida homenagem de despedida⁴³.

Em 1930 o Escoural atingia o seu pico demográfico, com 5.090 habitantes. Mas nas décadas seguintes a tendência inverteu-se de forma acentuada, ao ponto de contar apenas 1.791 moradores em 1970. As difíceis condições de vida no campo originaram a deslocação da população para as zonas industriais de Setúbal e Lisboa. Mas também a quebra da natalidade, a instabilidade provocada pela guerra colonial e sobretudo a emigração para França e outros países europeus, prestaram o seu contributo para este decréscimo⁴⁴.

Nestes anos sombrios surgiam, no entanto, algumas notícias esperançosas. Em 1957, a anta-capela de N^a S^a do Livramento era classificada como imóvel de interesse público, pelo Decreto 41.191, de 18 de julho⁴⁵. Poucos anos mais tarde, a 23 de abril de 1963 eram descobertos casualmente os primeiros vestígios pré-históricos da presença humana no Escoural, por dois trabalhadores de uma pedreira de mármore da herdade da Sala. A 25 de outubro do mesmo ano, como resultado das primeiras escavações promovidas pelo Museu Nacional de Arqueologia, o sítio era classificado como Monumento Nacional. E entre 1963 e 1965, o arqueólogo Manuel Farinha dos Santos, corroborado pelo colega francês de renome mundial Abbé André Glory, procedeu a estudos que permitiram guindar o local à categoria de uma das mais importantes estações arqueológicas da pré-história europeia⁴⁶.

6. DO 25 DE ABRIL DE 1974 À ATUALIDADE

A revolução de 25 de Abril de 1974, ao restabelecer a democracia, as liberdades e os direitos dos cidadãos, devolveu a dignidade aos Portugueses e proporcionou-lhes uma nítida melhoria das condições de vida. No Alentejo em geral, incluindo o concelho de Montemor-o-Novo e mais concretamente o Escoural, ocorreram ainda três fatores que numa estreita e mútua colaboração muito contribuíram para um desenvolvimento nunca antes conhecido: o associativismo popular, o poder local democrático e a reforma agrária.

Deste modo, na senda da tradição associativa de origem republicana, emergiram na freguesia comissões sindicais, de moradores, de trabalhadores e de base de saúde. E elegeu-se a primeira comissão administrativa da freguesia, que se manteria em funções até à tomada de posse dos eleitos nas primeiras eleições autárquicas, ocorridas em 1976.

E embora o associativismo tivesse como período mais dinâmico a primeira década após o 25 de Abril, as várias associações atualmente existentes no Escoural revelam bem o enraizamento desta prática social, com a qual a comunidade tanto tem beneficiado. São elas: o *Grupo Estrela Escouralense*; a *Associação de Pais e Encarregados de Educação de Santiago do Escoural*; a *Sociedade Recreativa Grupo União Escouralense*; a *Associação de Amigos Unidos pelo Escoural*; a *Associação Desportiva de Caçadores e Pescadores de Santiago do Escoural*; a *Associação de Proteção Social à População de Santiago do Escoural*; a *Comissão de Reformados, Pensionistas e Idosos de Monfurado*; e a *Associação Cultural, Recreativa e Desportiva de Casa Branca*⁴⁷.

Com o intuito de melhorar as condições de vida das populações, iniciou-se por todo o concelho a reparação de ruas e passeios nos aglomerados urbanos, bem como de estradas e caminhos rurais. E começaram a ser abertas algumas estradas municipais, incluindo a de ligação entre S. Cristóvão e o Escoural. Nesta freguesia reforçou-se o abastecimento de água e ampliaram-se ou iniciaram-se (consoante os locais) as redes de esgotos. Construíram-se postos médicos, lavadouros, sanitários públicos e equipamentos desportivos⁴⁸. Na vila do Escoural iniciou-se, em 1976, o processo de loteamento da Quinta do Telheiro⁴⁹. Em 1978 procedeu-se à ampliação do cemitério. Nesse mesmo ano fundava-se o *Grupo Estrela Escouralense* acima referido. E por essa época iniciava-se o ensino pré-escolar⁵⁰.

A 27 de setembro do ano seguinte, um acontecimento fatídico veio enlutar a freguesia do Escoural e causar uma emoção profunda em todo o concelho. O assassinato de António Maria Casquinha, de 17 anos, e de João Geraldo Caravela, de 57, durante uma desanexação na herdade de Vale de Nobre. Eram ambos escouralenses e trabalhavam na UCP Salvador Joaquim do Pomar⁵¹.

Esta unidade coletiva de produção agrícola foi instituída em 1975. Com uma área de 12.223 hectares, era a quinta mais extensa das 570 constituídas na zona de intervenção da reforma agrária. Nela chegaram a laborar em simultâneo perto de 700 trabalhadores. Além de ter eliminado o desemprego na zona, colaborou com mão-de-obra, máquinas e veículos, em jornadas de trabalho destinadas à construção ou manutenção de equipamentos públicos na área da freguesia. Abriu um talho para venda de carne ao público. E cedia aos pequenos olivicultores a utilização dos seus lagares de azeite.

Com as sucessivas desanexações e a sua já previsível extinção, em 2003, os antigos cooperantes foram saindo da terra em busca de alternativas de trabalho. Se entre 1970 e 1981 a população subira de 1.791 habitantes para 2.301, invertendo a tendência decrescente das quatro décadas anteriores, voltaria a descer nos anos seguintes, com 1.935 residentes em 1991, 1.659 em 2001 e 1.335 em 2011⁵².

No início da década de oitenta arrancavam as campanhas de alfabetização de adultos e instalavam-se parques infantis no Escoural, em S. Brissos e em Casa Branca. Repararam-se, equiparam-se e aqueceram-se as escolas. E ampliou-se a rede elétrica, incluindo nos pequenos aglomerados⁵³.

A 28 de junho de 1986, o núcleo montemorense da União dos Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP), inaugura, com o apoio da câmara Municipal, um monumento à memória de José Adelino dos Santos, muito próximo do local onde o homenageado tombara para sempre⁵⁴.

Entre 27 e 29 de outubro de 1988 teve lugar, no auditório da Biblioteca Municipal de Montemor-o-Novo, um colóquio internacional sob a designação de *Arte Pré-Histórica - Nos 25 Anos da Descoberta da Gruta do Escoural*. Promovido pelos arqueólogos Mário Varela Gomes e Manuel Farinha dos Santos, a iniciativa contou com o patrocínio da *União Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas*. Uma grande parte das intervenções foi posteriormente publicada no N° 7 da Revista *Almanson*, 1ª Série, 1989, como forma de preservar a memória da iniciativa.

Em 1996 abria o Centro de Convívio para Idosos em Casa Branca. No ano seguinte inaugurava-se o Centro de Dia do Escoural⁵⁵. E em 1999 o Lar de Idosos, na mesma vila, ambos por iniciativa da *Associação de Proteção Social à População do Escoural*, com o apoio da junta de freguesia, da câmara de Montemor e de fundos comunitários⁵⁶. Esta dinâmica Associação, com mais de mil sócios, é atualmente o principal empregador da freguesia. Os seus 18 funcionários distribuem-se por quatro valências - o Centro de Dia, o Lar, o Serviço de Apoio Domiciliário e o apoio Domiciliário integrado - prestando assistência a mais de 90 pessoas⁵⁷.

Em 2001, inaugurou-se na vila o Centro de Interpretação da Gruta do Escoural, há muito acalentado pelos escouralenses⁵⁸. E em 2008, após um ano de encerramento, tanto do

Centro como da Gruta, reabriram ao público com melhores condições de acolhimento, dignas do valor histórico e cultural deste monumento nacional, visitado anualmente por cerca de 20.000 pessoas⁵⁹.

Embora tenham prosseguido as obras de reforço de abastecimento de água e de colocação de infraestruturas pluviais, a resolução dos problemas mais urgentes ao nível das infraestruturas básicas permitiram à câmara e à junta de freguesia passar a outro tipo de obras, voltadas para o embelezamento urbanístico dos aglomerados urbanos. Dentro deste tipo de iniciativas, empreendeu-se, entre 2004 e 2009, a requalificação da área central de Santiago do Escoural, com a inclusão de uma zona verde e de um parque de estacionamento⁶⁰.

A aprovação do projeto de Gestão Ativa e Participada do Sítio de Monfurado, desenvolvido entre 2003 e 2008, constituiu uma importante mais-valia. Permitiu a aplicação de medidas tendentes ao estudo, divulgação e preservação da biodiversidade da serra e de uma ampla área envolvente, pertencente aos municípios de Montemor-o-Novo e Évora. No contexto das atividades de sensibilização e educação ambiental desta zona classificada, passaram a organizar-se atividades com crianças e jovens; implementou-se uma rede de percursos pedestres e de BTT, que atravessam a freguesia, incluindo a aldeia de S. Brissos e a anta-capela de N^a S^a do Livramento; e melhoraram-se as infraestruturas de apoio ao turismo de natureza, com destaque para o melhoramento do largo 1^o de Maio, junto à estação ferroviária de Casa Branca, empreendido entre 2005 e 2007⁶¹.

Em 2013, a freguesia e o município assinalaram os 50 anos da descoberta da Gruta do Escoural. O sítio foi, ao longo do ano, objeto de visitas guiadas organizadas pela câmara e a junta de freguesia para as escolas as organizações de reformados e idosos e a população em geral. Foi organizado um colóquio internacional e editado um livro de divulgação da Gruta e da vida pré-histórica, destinado a crianças e jovens, intitulado *Um encontro na Gruta do Escoural*. As escolas do 1^o ciclo do ensino básico do concelho associaram-se às comemorações, através do projeto pedagógico “Pintar a Pré-História”. Depois de visitarem a Gruta e o Centro Interpretativo, os alunos desenvolveram, ao longo de meses, trabalhos de expresso plástica na Oficina da Criança, que foram posteriormente expostos ao público durante a Feira da Luz⁶².

No âmbito da ação «Serviços Básicos para a População Rural», do subprograma 3 do PRODER, foi iniciado em 2103 na vila sede da freguesia um empreendimento de vulto, a requalificação do Parque Desportivo Municipal de Santiago do Escoural. A ação consistiu na implementação de equipamentos básicos de atividade física, desporto e lazer, incluindo um relvado sintético e um circuito geriátrico. A obra, inaugurada em novembro de 2014, permitiu melhorar consideravelmente as atividades já desenvolvidas e potenciar o desenvolvimento de outras. E apenas foi possível pelo espírito de união dos escouralenses,

que envolveram no projeto, além do PRODER e da câmara municipal de Montemor, 11 entidades, incluindo as associações locais acima referidas⁶³.

Ainda em 2014 seria a vez da tholos do Escoural ser classificada como sítio de interesse público, pela Portaria N° 646/2014⁶⁴.

O riquíssimo património histórico e paisagístico de Santiago do Escoural, bem como a genuína beleza arquitetónica da sua vila e aldeias, aliados à gastronomia local e ao dinamismo das suas gentes, poderão representar o futuro da freguesia. Devidamente divulgado e aproveitado, poderá dinamizar a economia local e assim fazer estancar a sangria migratória desta valorosa terra, que tem sabido ultrapassar com determinação e coragem os obstáculos e desaires que vão surgindo, sempre norteadas pelos valores da União e da Liberdade!

FONTES

1. ARQUIVO MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO

1. 1. Arquivo da Câmara de Montemor-o-Novo.

Atas das vereações camarárias A1 B179 (1910-1911);

A1 B180 (1911-1912);

A1 B181 (1912-1913).

Décima dos Maneios. 1765. Freguesia do Escoural, fls 55 a 73;

Freguesia de S. Brissos, fls. 75 a 78.

Registo da Correspondência Expedida A7 C 37 (1912-1934).

1. 2. Arquivo da Reforma Agrária.

Conferências da Reforma Agrária (Inquéritos), CRA/B/003/Maço 009.

BOLETIM MUNICIPAL. Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Anos de 1986 a 2015.

CENSO DA POPULAÇÃO DE PORTUGAL. NO 1º DE DEZEMBRO DE 1911. PARTE I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1913.

“O CONCELHO DE MONTEMOR-O-NOVO NAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS DE 1758 (CONCLUSÃO)”, in *Almanson*, 1ª Série, Nº 5, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 1987, pp. 147-184.

DEMOCRACIA DO SUL. Évora. Ano 17º, 1918.

O MERIDIONAL. Montemor-o-Novo. Ano XIX. 1910.

BIBLIOGRAFIA

A.A. V.V., “Colóquio Internacional de Arte Pré-Histórica - Nos 25 anos da descoberta da Gruta do Escoural, in *Almanson*, 1ª Série, Nº 7, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 1989.

ALARCÃO, Jorge, *Portugal romano*, Lisboa, Verbo, 1973.

ANDRADE, Adalberto (e outros), *Minas de ferro de Montemor-o-Novo*, Lisboa, Ministério da Economia / Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1949.

CARVALHO, Rómulo, *História do ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CHINITA, Filipe Jorge, *Montemor-o-Novo. 30 anos de Abril*, vols. I e II, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 2006.

ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal .Volume 8. Distrito de Évora. Zona Norte*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1975.

FERREIRA, António Bernardo (Coord.), *Ferro. Jazigo de Montemor-o-Novo*, Lisboa, Ministério da Economia / Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1943.

FONSECA, Jorge, *Montemor-o-Novo no século XV*, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 1998.

FONSECA, Jorge, “Uma vila alentejana no Antigo Regime - aspetos socioeconómicos de Montemor-o-Novo nos séculos XVII e XVIII”, in *Almanson*, 1ª Série, Nº 4, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 1986, pp. 119-207.

FONSECA, Teresa, “D. Alexandre José Botelho e o município de Montemor-o-Novo. O pensamento e a ação de um fidalgo liberal”, in *Almanson*, 2ª Série, Nº 2, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 2003, pp.189-224.

FONSECA, Teresa, “Alguns aspetos da situação económica e social no concelho de Montemor-o-Novo entre 1942 e 1946”, in *Almansor*, 1ª Série, Nº 5, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 1987, pp. 89-107.

FONSECA, Teresa, “Dinâmicas territoriais na Évora Moderna”, *e-Working papers*, 03, CIDEHUS / Universidade de Évora, 2017.

FONSECA, Teresa, “O impacto da Grande Guerra em Montemor-o-Novo, in Jorge Fonseca e Teresa Fonseca (Coord.), *Cinco olhares sobre a República*, Lisboa, Colibri/Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2013, pp. 113-176.

FONSECA, Teresa, *Um encontro na Gruta do Escoural*, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 2014.

FONSECA, Teresa, *Joaquim José Varela e a «Memória Estatística Acerca da Notável Vila de Montemor-o-Novo»*, Lisboa, Colibri, 1997.

FONSECA, Teresa, “José Adelino dos Santos e a resistência à ditadura em Montemor-o-Novo” in *Almansor*, 2ª Série, Nº 5, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 2008, pp. 217-227.

FONSECA, Teresa (Coord.), *A memória das mulheres. Montemor-o-Novo em tempo de ditadura*, Lisboa, Colibri, 2007.

FONSECA, Teresa, *Lavre. Oito séculos de história*, Lisboa, Colibri, 2014.

FONSECA, Teresa, “Pedagogia e ilustração em Montemor-o-Novo ao longo do século XIX”, in *Almansor*, 2ª Série, Nº 8, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 2009, pp. 145-196.

FONSECA, Teresa, *Relações de poder no Antigo Regime. A administração municipal em Montemor-o-Novo (1777-1816)*, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 1995.

GRUTA DO ESCOURAL. 50 ANOS DE DESCOBERTA, Montemor + Magazine, Nº 11, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, abril de 2013.

PATRIMÓNIO. PARTILHAR O PASSADO. CONSTRUIR O FUTURO, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 2016.

SANTOS, Ana Palma dos, *Monumentos megalíticos do Alto Alentejo*, Lisboa, Fenda, 1994.

SANTOS, Manuel Farinha dos, *Pré-história de Portugal*, Lisboa, Verbo, 1985.

SILVA, António Carlos, *Escoural. Uma gruta pré-histórica no Alentejo*, Évora, Direção Regional de Cultura do Alentejo, 2011.

VENTURA, António, “A maçonaria no concelho de Montemor-o-Novo”, in Jorge Fonseca e Teresa Fonseca (Coord.), *Cinco olhares sobre a República*, Lisboa, Colibri/Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2013, pp. 9-23.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago_do_Escoural

NOTAS

*O presente texto resultou de uma conferência promovida pela autora na vila do Escoural, no âmbito das comemorações da promoção da freguesia a vila, realizadas a 5 de junho de 2016.

**Doutora em História das Ideias Políticas. Investigadora.

1 SILVA, António Carlos, *Escoural. Uma gruta pré-histórica no Alentejo*, pp. 63-69.

2 *Idem, ibidem.*

3 *Idem, ibidem*, pp. 71-91.

4 *Idem, ibidem*, pp. 95-120.

5 SANTOS, Manuel Farinha dos, *Pré-história de Portugal*, pp. 34-65.

6 ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal. Volume 8. Distrito de Évora. Zona Norte*, Vol. I, p.408.

7 ALARCÃO, Jorge, *Portugal romano*, pp. 130-131.

8 FONSECA, Jorge, *Montemor-o-Novo no século XV*, p. 41.

9 ANDRADE, Adalberto (e outros), *Minas de ferro de Montemor-o-Novo*, p. 10.

10 FONSECA, Jorge, *Montemor-o-Novo no século XV*, p. 6.

11 FONSECA, Teresa, “Dinâmicas territoriais na Évora Moderna”, pp. 1-4 e 6-11.

12 ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico ...*, pp. 401-411.

13 FONSECA, Jorge, “Uma vila alentejana no Antigo Regime - aspetos socioeconómicos de Montemor-o-Novo nos séculos XVII e XVIII”, p. 144.

14 ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico ...*, p. 405.

- 15 FONSECA, Jorge, “Uma vila alentejana no Antigo Regime ...”, pp.132-
- 16 *Idem, ibidem*, pp. 132-133. “O CONCELHO DE MONTEMOR-O-NOVO NAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS DE 1758 (CONCLUSÃO)”, p. 162.
- 17 FONSECA, Jorge, “Uma vila alentejana no Antigo Regime ...”, pp. 132-133. “O CONCELHO DE MONTEMOR-O-NOVO NAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS DE 1758 (CONCLUSÃO)”, p. 155.
- 18 FONSECA, Jorge, “Uma vila alentejana no Antigo Regime ...”, pp. 146-148. “O CONCELHO DE MONTEMOR-O-NOVO NAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS DE 1758 (CONCLUSÃO)”, p. 164.
- 19 FONSECA, Teresa, *Joaquim José Varela e a «Memória Estatística Acerca da Notável Vila de Montemor-o-Novo»*, p. 67.
- 20 ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico ...*, p. 406.
- 21 ARQUIVO MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO / Arquivo da Câmara de Montemor-o-Novo. *Décima dos Maneios*. 1765. Freguesia do Escoural, fls 55 a 73. Freguesia de S. Brissos, fls. 75 a 78.
- 22 *Idem, ibidem*.
- 23 FONSECA, Teresa, *Relações de poder no Antigo Regime. A administração municipal em Montemor-o-Novo (1777-1816)*, pp. 73-76.
- 24 *Idem, ibidem*, p. 176.
- 25 FONSECA, Teresa, “D. Alexandre José Botelho e o município de Montemor-o-Novo. O pensamento e a ação de um fidalgo liberal”, p. 196.
- 26 FERREIRA, António Bernardo (Coord.), *Ferro. Jazigo de Montemor-o-Novo*, pp. 49-56.
- 27 FONSECA, Teresa, “Pedagogia e ilustração em Montemor-o-Novo ao longo do século XIX”, pp. 151 e 154.
- 28 CARVALHO, Rómulo, *História do ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*, p. 577.
- 29 https://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago_do_Escoural
- 30 O *MERIDIONAL*. Ano XIX. Nº 979, de 27-3-1910.
- 31 VENTURA, António, “A maçonaria no concelho de Montemor-o-Novo”, pp. 9-23.
- 32 *CENSO DA POPULAÇÃO DE PORTUGAL. NO 1º DE DEZEMBRO DE 1911. PARTE I*, p. 110.

- 33 ARQUIVO MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO / Arquivo da Câmara de Montemor-o-Novo. A1 B179, *Atas das vereações camarárias* (1910-1911), ata de 31-12-1913, fls. 153-155..
- 34 *Idem*. A1 B181, *Atas das vereações camarárias* (1912-1913), ata de fls. 153-153v.
- 35 *Idem, ibidem*, ata de 12-12-1910, fls. 63v.-64.
- 36 *Idem, ibidem*, ata de 17-10-1910, fls.11-12.
- 37 *Idem, ibidem*, atas de 28-11-1910, fls. 43v.-44 e de 12-12-1910, fls. 58-60. *Idem*, A1 B179, *Atas das vereações camarárias* (1910-1911), atas de 2-10-1911, fl. 102v.;e de 22-1-1912, fls. 140v. e 143v.
- 38 *Idem, Registo da Correspondência Expedida* A7 C 37 (1912-1934). Ofício de 5-6-1916, para o Ministro da Instrução Pública, fls. 35V.-36.
- 39 *Idem, ibidem*. Ofício de 11-6-1918, para a Cooperativa “A União”, fl. 50.
- 40 *DEMOCRACIA DO SUL*. Ano 17º, Nº 891, de 8-9-1918.
- 41 FONSECA, Teresa, “Alguns aspetos da situação económica e social no concelho de Montemor-o-Novo entre 1942 e 1946”, pp. 94-96.
- 42 FONSECA, Teresa (Coord.), *A memória das mulheres. Montemor-o-Novo em tempo de ditadura*, depoimentos de Amarílis Narcisa dos Santos, pp. 15-19; de Fortunata Lourença dos Santos, pp. 43-47; e de Joaquina de Jesus, pp. 52-56.
- 43 *Idem*, “José Adelino dos Santos e a resistência à ditadura em Montemor-o-Novo”, pp. 217-227.
- 44 https://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago_do_Escoural
- 45 SANTOS, Ana Palma dos, *Monumentos megalíticos do Alto Alentejo*, p. 79.
- 46 SILVA, António Carlos, *Escoural. Uma gruta pré-histórica no Alentejo*, pp. 25-38.
- 47 https://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago_do_Escoural. Agradeço à drª Joana Gingão, secretária do executivo da junta de freguesia do Escoural, o complemento e atualização da informação colhida no site referido.
- 48 CHINITA, Filipe Jorge (Coord.), *Abril. Caminhos de liberdade, justiça e futuro em Montemor*, Vol. I, pp. 17, 21, 24, 26, 30, 50, 54, 65, 90, 92, 101 e 115.
- 49 *Idem, ibidem*, p. 50.

- 50 *Idem, ibidem*, p. 91. E https://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago_do_Escoural
- 51 CHINITA, Filipe Jorge (Coord.), *Abril. Caminhos de liberdade ...*, Vol. I, p. 108-109.
- 52 ARQUIVO MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO / Arquivo da Reforma Agrária / *Conferências da Reforma Agrária* (Inquéritos), CRA/B/004/, Maços 003 e 009.
- 53 CHINITA, Filipe Jorge (Coord.), *Abril. Caminhos de liberdade ...*, Vol. I, p. 129, 144, 171 e 174.
- 54 *BOLETIM MUNICIPAL*. Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Junho de 1986.
- 55 CHINITA, Filipe Jorge (Coord.), *Abril. Caminhos de liberdade ...*, Vol. II, p. 52 e 59, respetivamente.
- 56 *BOLETIM MUNICIPAL*. Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Dezembro de 1999.
- 57 Agradeço as informações à dr^a Joana Gingão, dirigente desta importante instituição de solidariedade social.
- 58 CHINITA, Filipe Jorge (Coord.), *Abril. Caminhos de liberdade ...*, Vol. II, p. 126.
- 59 *BOLETIM MUNICIPAL*. Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Dezembro de 1999.
- 60 CHINITA, Filipe Jorge (Coord.), *Abril. Caminhos de liberdade ...*, Vol. II, p. 196, 197, 199 e 206.
- 61 *PATRIMÓNIO. PARTILHAR O PASSADO. CONSTRUIR O FUTURO*, p. 9-10. *BOLETIM MUNICIPAL*. Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Outubro de 2007.
- 62 *GRUTA DO ESCOURAL. 50 ANOS DE DESCOBERTA*, p. 6-7. FONSECA, Teresa, *Um encontro na Gruta do Escoural*. *MONTEMOR + MAGAZINE*, Nº 13. Dezembro de 2013, p. 11.
- 63 *MONTEMOR + MAGAZINE*. Nº 15. Dezembro de 2014, p. 6.
- 64 *MONTEMOR + MAGAZINE*. Nº 15. Dezembro de 2014, p. 10.